

NOÇÕES DE NUMISMÁTICA (II).

IV

A INVENÇÃO DA MOEDA.

A prioridade da invenção da moeda suscitou sempre dúvidas e acaloradas polêmicas entre os numismatas.

Ateneu e Macróbio, atribuem a invenção a Juno, outros a Saturno; Heródoto e Xenófanés, aos lídios; Eliano, aos eginéticos; Lucano, a Itonus, antigo rei da Tessália; Suidas, a Numa Pompílio; Plínio, tanto a Numa Pompílio, como a Sérvio Túlio.

Não ficam por aí as opiniões de outros historiadores e letrados, que apontam ainda outros povos e monarcas como os criadores das primeiras moedas.

Se quisermos aceitar o que nos diz o *Gênese*, veremos que andinheiro, quando ela nos cita o fato dos judeus recuperarem a liberdade de Ciro, cinco séculos antes de Cristo.

Plutarco, atribui esta invenção ao grego Teseu, que viveu mais ou menos em 1235 antes de Cristo.

Se quisermos aceitar o que nos diz o *Gênese*, veremos que antes daquela época, Abraão comprara a sepultura de sua mulher Sara, por 400 siclos de prata.

Muitos atribuem a Noé, outros a Nino e no seu *Dicionário Bíblico*, Calmet afirma que a moeda mais antiga de que se tem notícia, é o *siclo* de prata, vinda dos tempos de Daví ou de Salomão.

Nos poemas de Homero, não se fazem referências a moeda.

Outros apontam Caim, devido a sua requintada avareza, invejoso da predileção que seu irmão Abel havia dos progenitores. Fôra êle, quem primeiro estabelecera a distinção de haveres e fixara a diversidade de domínios; o primeiro que inaugurara o apartamento de possessões e o princípio do Meu e do Teu.

Há os que apontam a China como sendo o país onde se gravaram as mais antigas moedas de metal. A princípio, o objetivo era apenas ter uma cópia de qualquer objeto em escala menor, a fim de manifestar a fé que o povo depositava na sua religião. Mais tarde êsses primeiros esboços do dinheiro passaram a ser feitos de tal modo, que se assemelhassem com os objetos em troca dos quais deviam ser entregues. Formas de corpo humano para aquisição de

roupas; pás ou enxadas minúsculas para simbolizar instrumentos de agricultura e espadas para compra de material de guerra e cortante. A evolução continuou e as moedas com a forma de facas deixaram de ter o gume, ficando apenas com o cabo e mais tarde somente parte do cabo.

Conclui-se destes dados informativos literários e históricos que várias civilizações ensaiaram encaminhar para um molde prático, as imperiosas questões do dinheiro fracionado até atingirem o modelo ideal da moeda. E é na origem e formação dos sistemas monetários, que a História Universal franqueia as suas portas ao interesse numismático.

* * *

A idéia de garantir oficialmente os metais como intermediários das permutas, parece ter tido a sua primeira aplicação na Grécia Asiática. Xenófanos, nascido em Cólofon, na Ásia Menor, em princípios do século VI a. C., proclama a prioridade dos lídios no que concerne a invenção da moeda. Heródoto supõe, dando seu testemunho que “os lídios foram os primeiros a cunhar as moedas de ouro e de prata”.

Que moedas seriam essas? Os documentos monetários que nos chegaram dessas antigas épocas, falam de pequenos lingotes metálicos, de pastilhas de forma irregular marcadas com golpes ou pancadas que Aristóteles definia como “uma indicação de valor”. O metal em questão era o *electrum* assim denominado pela sua cor amarelo-pálido. Estas primitivas moedas, provinham de regiões costeiras da Anatólia, vizinhas da Lídia. A opulência dos reis lídios, de Candaule, o último da dinastia dos Heraclides, de Gíges seu sucessor (687-652) cujo nome está associado àquêle do ouro, a Aliate (610-561) e a Cresos, seu filho que o substituiu (561-546), outro potentado faustoso cujos cofres estavam cheios de milhões de *resêidas de ouro*, parecem indicar pelos donativos suntuosos que estes déspotas fizeram aos santuários helênicos de Delfos, Artemision, Éfeso e ao templo de Apolo em Didimaion, próximo de Mileto, serem eles os inventores da moeda. E’ natural que lhes atribuíssem a invenção, mas esta atribuição por isso mesmo, não está ao abrigo de suspeita. O fato é que não se conhecem moedas lídias antes das *resêidas* de ouro ou de prata pura.

E’ interessante verificar a tendência que tinham os Antigos em atribuir uma invenção a um personagem ou a uma cidade ilustre para elevar sua glória, tendência essa tão distanciada do pensamento moderno, o qual apenas procura ver claro em presença dos documentos monetários existentes.

Os eruditos modernos, estão de acôrdo em ver nessa moedagem ainda vacilante emitida pelas cidades costeiras de Mileto, Éfe-

so e Focéia, uma manifestação da iniciativa privada dos banqueiros e mercadores que mantinham relações comerciais não só com os poderosos reis da Lídia, como também com a clientela grega das margens do Mediterrâneo.

Os pesos destas peças se repartiam em dois grupos que tinham por centro Mileto e Focéia. A origem da moedagem não tinha ainda um caráter oficial e autocrático, mas privado e puramente prático. Estas primeiras moedas não eram senão de um tipo que apresentava numa das faces um número em relêvo e na outra uma marca côncava, onde se distinguiam silhuetas de animais: um leão, uma cabeça de leão, um cervo, um boi, uma foca, um atum, um florão, que bem poderia representar um braço de armas de alguma cidade lídia.

* *
*

Aproximadamente há meio século, pesquisadores da arqueologia numismática se inclinaram a abandonar as opiniões formuladas na Antigüidade, para considerar apenas como possíveis inventores da moeda, os lídios e os eginéticos, decisão esta que obedeceu a um acurado estudo da documentação existente e a uma criteriosa observação cronológica.

A Giges, rei da Lídia, que se acredita viveu no século VII antes de Cristo e a Fidão, rei de Argos, que viveu na primeira metade do século VIII antes da era cristã, se atribuiu a paternidade da invenção da moeda. Ambos reclamaram essa prioridade e tanto as pretensões dos lídios, como a dos habitantes de Argos estavam tão bem fundamentadas, que o lexicólogo Polux, que se esforçou para esclarecer o assunto recolhendo várias tradições, concluiu ser muito difícil saber a qual dos dois se devia atribuir êsse mérito.



Creseida da Lídia



Estater de Efeso



Moeda de Dario

Fig. 7. — Moedas de ouro da Ásia Menor.

Outra versão, confere aos lídios a invenção da moeda, nos meados do século VII a. C., provavelmente no reinado de Giges, rei da Lídia, fundador da dinastia dos Mermnadas. As primeiras moedas lídias, caracterizavam-se por pequenos lingotes ovóides de uma liga natural de ouro e prata chamada *electrum*, que se encontrava no flanco das suas montanhas (Tomolus) e nas areias de alguns rios. O *electrum* da ribeira de Sardes, era mesmo na opinião de Sófocles, a segunda riqueza da Ásia. Estas primitivas moedas, tinham numa das faces linhas longitudinais e na outra concavidades em forma de cruz.

Crê-se que depois dos lídios sob Giges, fôsse Creso, o último representante da dinastia dos Mermnadas e o último rei da Lídia, o segundo a bater moeda; estas, também com a forma ovóide, apresentavam numa das faces em meio corpo, um leão e um touro, olhando-se de frente. São denominadas *resêidas da Lídia*.

Nesses primeiros tempos, eram essas moedas de ouro, juntamente com os *estáteres* de outras cidades da Ásia Menor, assim como as dos reis persas, as célebres *dóricas*, moedas de Dario com o tipo do arqueiro, que corriam igualmente em tôda a Grécia.

O ilustre numismata francês Lenormant (9), chegou a conclusão que a cunhagem da moeda se fêz isoladamente nos dois países: na Lídia e em Argos (10).

Giges, rei da Lídia, teria cunhado oficialmente a primeira moeda de ouro em Focéia e *Fidão*, rei de Argos, cunhado oficialmente a primeira moeda de prata em Egina.

A moeda de *Fidão* (prata), tinha a forma da tartaruga marítima da ilha de Egina e a moeda de Giges (ouro), embora do mesmo formato, era menos alongada e feita com uma liga natural chamado *electrum*, em que o ouro e a prata entravam na proporção de 4 para 1.

Giges, parece ter se limitado a fazer aplicar o sinete real sobre suas moedas de ouro de formato ovóide e a *Fidão*, atribui-se a criação das *estáteres* de prata da ilha de Egina.

Cada uma dessas peças, pesava aproximadamente 12 gramas e diferenciavam-se das barras ovais de metal até então em uso, por uma estampagem grosseira.

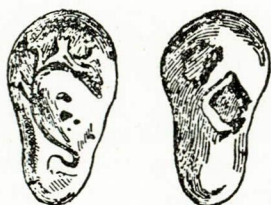
(9). — Lenormant, *op. cit.*, vol. I, pág. 126.

(10). — Lídia ou Meônia, país da antiga Ásia Menor, tendo por capital Sardes, hoje Sart. Sobre a Lídia diz J. Ramon Mélida: "A História Real começa com o cário Giges que foi coroado rei da Lídia no ano 687 antes de Cristo. Conquistou parte da Frígia e cunhou moeda (das primeiras). O último rei lídio foi Creso, cuja riqueza já se tornou proverbial.

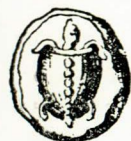
Argos, passava por ser a cidade mais antiga da Grécia, representando um importante papel nos tempos heróicos. Foi desta cidade que partiu a célebre expedição dos Argonautas.

Egina, ilha da antiga Grécia, ao fundo do golfo de Egina, frente ao porto de Atenas. A ilha teve a princípio o nome de Oenona, que trocou pelo de Egina, em honra da ninfa, mãe de Esco, seu primeiro rei.

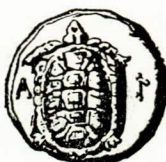
Acredita Lenormant, que a moeda de Giges (Lídia), seja mais antiga que a de Fidão (Argos), baseando sua opinião nas respectivas características da moldagem, isto é, enquanto a primeira oferece as estampas em côncavo, a segunda apresenta o cunho em relêvo.



1.º tipo



2.º tipo



3.º tipo

Fig. 8. — *Primitivas moedas de prata da ilha de Egina (sob o rei Fidão de Argos).* Estas moedas apresentavam já uma marcante regularidade de pês; no anverso um quadrado incuso, quadrado este que acusava a deficiência do processo de fabricação para fixar os lingotes ou discos que deviam receber o cunho do emissor e o valor que representavam.

A invenção do cunho em relêvo, continua Lenormant, foi um progresso capital que viria a constituir um novo capítulo na história da moeda e a moedagem de Fidão, preenchia essas condições, ao passo que as moedas lídias trazendo uma estampa em concavidade, autoriza a julgar serem de maior antigüidade.

Entretanto os exemplares que acabamos de estudar na sua forma ainda irregular, são considerados como os que deram origem à moeda de cunho oficial e a fase distinta que as caracteriza, está precisamente em que, em vez de trazerem a marca de um particular, como até então se apresentavam as peças metálicas precedentes, mostravam agora a do Estado, o que lhes dava uma garantia de homogeneidade e da pureza do metal.

Foram estas moedas que juntamente com os *estáteres* de outras cidades da Ásia Menor, assim como as dos reis persas — as célebres moedas de Dario com o tipo de arqueiro que igualmente corriam em tôda a Grécia — as primeiras moedas com tôdas as carac-

terísticas fundamentais que haviam de se tornar clássicas pelo seu uso através dos séculos (11).

Babelon, o renomado numismata francês, assim se refere a invenção da moeda:

“Esta invenção foi tardia, só teve lugar no começo do VII século antes da era cristã e a honra da prioridade, só pode ser disputada como toda a Antigüidade clássica o reconhece, entre os *eginéticos* e os *lídios*, quer dizer, entre dois povos vizinhos e irmãos de sangue”.

A moeda nascida como acabamos de ver, nas margens do Mediterrâneo Oriental, rapidamente se difundiu por todo o mundo helênico; da Lídia até as cidades gregas da costa ocidental da Ásia Menor e daí, transpondo o mar, passou ao litoral da Trácia e da Macedônia. Da ilha de Egina, à toda a Grécia continental.

O intenso comércio marítimo mantido por esses povos entre si, permitiu que a moeda se irradiasse para todas as localidades do mundo grego e demais países com quem mantinham relações comerciais. E diz Lenormant, na obra já citada:

“desde o meado do século VI antes de Cristo, não havia um país onde os gregos estivessem estabelecidos, no qual eles não possuíssem sua moeda”.

Algum tempo depois, os fenícios adotaram suas primeiras peças, tudo indicando que suas emissões monetárias mais antigas, foram ao tempo das Guerras Médicas. Por influência dos comerciantes fenícios e gregos de Menfis e de Naucratis, o Egito emitiu suas primeiras moedas.

Assim como os gregos pela sua prodigiosa expansão marítima levaram as suas moedas ao conhecimento de afastadas regiões semi-bárbaras, também os romanos contribuíram pelas conquistas dilatadas das suas legiões em guerras contínuas, a penetração da sua moeda no vasto Império que desfrutaram. O sistema monetário dos romanos, embora proviesse da evolução do seu próprio padrão de valores, baseando-se no antigo sistema ponderal do seu território, não deixou de sofrer certa influência dos sistemas monetá-

(11). — *Dárico*. Moeda persa mandada cunhar por um dos Darios. Os *dáricos* eram de ouro sem liga. Tinham por cunho: no anverso, um homem barbado com a cabeça ornada pela coroa radial, tendo às costas um carcaz cheio de flechas, o joelho em terra e numa das mãos um arco e na outra uma lança ou um punhal; o reverso é ocupado por uma área retangular cavada na moeda. Havia alguns *meios dáricos* e *duplos dáricos*; estes tinham no reverso uma área elíptica guarnecida de estrias paralelas onduladas. O peso do dárico era de 8,42 grs.

As peças de prata que tinham o mesmo tipo e a que certos numismatas chamavam igualmente *dáricas*, eram designadas na Antigüidade pelo nome de *sicla* ou *sicla médica*. A amoedação do ouro era reservada ao rei; os governos locais deviam limitar-se à moeda de prata ou de bronze.

Os persas tomaram para modelo de suas peças, as moedas lídias, depois da ocupação da Grécia e da derrota do rei da Lídia.



Fig. 9. — O mundo antigo ao tempo da invenção da moeda. As setas indicam a ilha de Egina e a Lídia, onde surgiram as primeiras moedas.

rios gregos e a moeda romana ao se expandir, levava também um sinal emitido pelo poder público, o que lhe dava um cunho legal.

E no século III antes de Cristo, já o mundo civilizado tinha em caráter universal sua moeda, trazendo o cunho oficial.

Como tôdas as coisas humanas, a moeda vive e se transforma não somente em sua natureza, pois que os metais de que são feitas, submetidos à fusão, produzem material misto e variado, como também o espírito dos que as manipulam podem alterar mesmo sua significação original, criando para os estudiosos do assunto o encontro frequente de uma idéia milenar conservada, transformada, mas delatando agradavelmente para quem a sabe interrogar a sua origem longínqua.

V.

ORIGEM DA PALAVRA MOEDA E DERIVAÇÃO DO TÊRMO. O CONCEITO DA MOEDA.

Moeda, é uma peça de metal servindo o comércio como instrumento de troca e medida de valor, emitida pelo poder público e marcada com um cunho pertencente a um Estado soberano que lhe imprime um caráter legal.

A *medalha*, ao contrário, é uma peça de metal que pela forma muito se aproxima da moeda, mas destituída daquele caráter legal, tendo simplesmente fins comemorativos.

A designação *moeda* — fran. *monnaie*, ingl. *money*, alem. *muenze* — vêm da palavra latina *moneta*, cuja origem é curiosa.

Junto ao templo de Juno, na antiga Roma, foi instalada a primeira oficina do estado para a cunhagem oficial da moeda de prata (269 a. C.). A esta deusa, que tinha a propriedade de advertir o povo romano em tempos difíceis, foi dado o sobrenome de *moneta* (lat. *monere* = advertir). *Juno Moneta*, era pois, a Deusa do Bom Conselho que avisava e protegia, a divindade de segurança que alertara por intermédio dos gansos a Mânlio, da chegada dos gauleses (12).

Depois da instalação da primeira fábrica de fazer moeda no templo de Juno e a mando do Senado Romano, o apelido *moneta*, desligado do nome da deusa, por abreviação, passou a designar as peças cunhadas no recinto do templo, uso que se tornou corrente no fim da República Romana. Com a romanização da maior parte

(12). — *Mânlio Capitolino, Marcos*. Cônsul romano em 392 a. C. Quando da tomada de Roma pelos gauleses em 390, defendeu com a maior energia o Capitólio. Uma noite em que os invasores tentaram a escalada da fortaleza, os gansos consagrados a Juno, despertados pelo ruído, começaram a grasnar. Mânlio acudiu e repeliu os assaltantes, de que lhe proveio o sobrenome de *Capitolino*.

da Europa, a palavra *moneta* ficou adotada para significar *dinheiro* em todo o mundo romano de então. Dêste vocábulo latino *moneta*, atributo da divindade pagã, nasceu o termo *moeda* aplicada aos meios metálicos de troca, quando dêles já há séculos os povos se serviram para as suas transações comerciais e cujo aperfeiçoamento de cunhos se deve ao grande povo grego da Antigüidade.

O vocábulo *moneta*, é encontrado com as variações próprias em várias línguas, como o anglo-saxão, velho alemão, escandinavo, russo, etc. e, em tôdas elas, parece derivar do antigo "*man*" que significa — *coisa de preço*.

Alguns etimologistas dão outro significado à palavra *moeda*, julgando-a um adjetivo derivado do púnico e correspondente a *machanat* ou *ammachanat*, palavra que se encontra nos tetradracmas cartagineses.

A palavra *nomisma*, significa coisa instituída em lei, sendo aplicada às moedas, pois estas eram reguladas por lei da qual recebiam seu valor, título e denominação. A ciência numismática tirou o seu nome da raiz da palavra grega *noummos*, que significava uma peça de prata equivalente a meio quilo de bronze, matéria-prima muito usada numa época que ficou na História com a denominação de *idade do bronze*. A palavra entrou com os colonizadores gregos na Itália do Sul (Magna Grécia) e aparece no grande mercado grego de Tarento, como moeda específica de prata que servia de base em tôdas as transações comerciais.

Os romanos, por ocasião das guerras com os samnitas e quando tratavam com Tarento àcerca de uma convenção, conheceram esta palavra, adotando-a no seu idioma como designação geral para peças de dinheiro.

Serviram-se ainda os romanos além do *numus* e *numisma*, de *pecunia*, *aurum*, *aes* e *moneta*. Diz Plínio, que as moedas romanas em sua fase primitiva se derivou de *pecus* — gado — e por ela sabemos a maneira de comprar e vender à qual servia de base o número de animais e daí se ter derivado a palavra *pecunia*.

A palavra *aurum*, era também empregada para exprimir a moeda em geral.

O termo *aes*, significava cobre ou bronze, sendo empregado também para designar tôda e qualquer espécie de moeda e a explicação é a seguinte: na Itália central e particularmente em Roma, no comêço, a única moeda metálica que existia era o cobre ou bronze conhecido por *aes* e daí dizer-se *aestimare* (avaliar, dar um valor aos objetos). Depois, embora já tivessem sido cunhados exemplares de prata e de ouro, conservaram a tradição de designar muitas vêzes pela palavra *aes*, a moeda em geral, qualquer que fôsse o metal, havendo disso inúmeros vestígios.

Aes alienum, significava uma dívida; *aes militare*, era uma expressão com a qual se indicava o soldo das tropas.

No fim do Império, denominavam *argentum*, não só a moeda de prata, como também as moedas de outros metais, embora não tivesse sido a prata o primeiro metal cunhado por êles.

A moeda entre os gregos, denominava-se *chrision*, *chalkion* e *nomisma*.

Argyriion, vem de *argyros*, prata e indicava a moeda feita nesta substância. Este termo servia também para significar as moedas em geral cunhadas em qualquer metal. Talvez se possa explicar esta denominação, por terem sido de prata as primeiras moedas lavradas pelos gregos.

O ouro só foi utilizado na cunhagem dos primeiros tempos, em pequena quantidade. Os helenos serviam-se algumas vêzes da palavra *chrysion* (de *Chrysos*, ouro) no mesmo sentido em que empregavam a expressão *kromata*, isto é, significando bens, riqueza em geral, incluindo-se naturalmente o dinheiro.

Já Aristóteles, não obstante a sua época não muito distante dos primeiros tempos da própria moeda, compreende que os homens tinham criado com o dinheiro um poder misterioso, cuja expansão escapava ao seu contrôlle e havia de transmutar-se de simples servidor do comércio em dominador comum.

A moeda, têm sido objeto de inumeráveis livros, alguns dos quais escritos pelos maiores pensadores do mundo, o que não obsta seja assunto de contravérsias e divergências entre os economistas, pela falta de unanimidade no emprêgo da palavra *moeda*, como acabamos de mostrar.

O conceito da moeda, foi fixado desde o IV século antes de Cristo, por Aristóteles, nesta expressão lapidar: "*mercadoria intermediária, que serve para facilitar as trocas*".

Esta fórmula era perfeita para o tempo em que tudo podia ser moeda, desde o saco de areia aurífera, até o escrava bonita. Em nosso tempo, Garnier, deu-nos êste conceito: *um valor real que o consenso geral dos homens escolheu como intermediário, para compra e venda e como denominador comum de todos os outros valores*.

Segundo Garnier, só pode ser escolhida para moeda, a mercadoria que reúna as seguintes condições:

- 1.º — convir a todos os indivíduos sem distinção;
- 2.º — em qualquer tempo;
- 3.º — no mesmo grau.

Para isso, ela deve ser:

- 1.º — incorruptível, para que não se desvalorize com o tempo; dente, intrínseco;
- 2.º — ser útil por si mesma, isto é, com valor próprio e independente, intrínseco;
- 3.º — sumamente divisível para que possa ser distribuída em qualquer quantidade;
- 4.º — homogênea em tôdas as suas partes;
- 5.º — de fácil manêjo para não suscitar dificuldades e despesas;
- 6.º — existir em tal quantidade, que não seja muito nem pouca em relação à população do mundo;
- 7.º — não estar sujeita a grandes e bruscas variações de valor, como os produtos agrícolas ou industriais;
- 8.º — ser bastante maleável para que nela se possam gravar selos de autoridade oficial para garantia de todos.

Na realidade, tão notável tem sido o papel que a moeda desempenha na história da humanidade, que não devemos deixar de apontá-la nas suas mais características facetas.

A moeda, consubstanciando em si própria a possibilidade de aquisição daquilo que o homem possa materialmente desejar, havia de tornar-se forçosamente o fulcro da atenção de todos os povos, representando na vida de cada um, uma função do maior relevo.

Como tôdas as coisas sujeitas ao conceito público, a moeda, na medida em que cada qual toma-a para si, tem sofrido os mais diversos e por vêzes antagônicos juízos, que lhe tem conferido desde a divindade ao maior desprezo.

Já foi considerada *sacra moneta*, gozando privilégios da mais alta reputação de quem representava a dignidade suprema do país, como *pater patria*, *pontifex maximus*, *Cesar*, *Augustus*, etc., desempenhando os mais variados papéis na história da humanidade.

Històricamente, a moeda reflete a verdadeira mentalidade de um povo e de uma época. Como documento conservador dos elementos que a constituem, a moeda é um documento original que nos coloca diretamente em presença daquilo que intimamente viveu no tempo de sua criação, devido ao seu poder de resistência ao tempo.

A moeda é ainda um mensageiro que ao correr o mundo, vai dando notícias da sua terra e tanto melhor o fará quanto houver sido cunhada com carinho e saber. Ela mostrará o grau de prosperidade do seu país, revelado sob os mais variados aspectos: a.

legalidade do toque, indicará os recursos econômicos de que dispõe; as legendas anunciarão a forma de governo que ali existe; os símbolos, a ocupação fundamental de seu povo e as suas ideologias; a técnica do cunho mostrará a perfeição a que chegou sua indústria e o aspecto artístico, revelará a cultura de seu povo.

As moedas, sofrendo as vicissitudes dos seus possuidores e que o tempo implacavelmente acarreta às coisas, vão-se subvertendo no solo, para daí, volvidos anos, contados séculos e até milênios, aparecerem novamente aos olhos do homem num benefício para a ciência e como fonte inesgotável que são do enriquecimento do patrimônio histórico-monetário.

Encarando os “achados de velhas moedas” sob o ponto de vista científico, podemos dizer que êles revestem duas espécies de interesse: um constante, pelo fato de representarem um aumento material monetário; o outro facultativo, pelos ensinamentos que o seu encontro possa revelar.

Na biografia dos efigiados e seus símbolos, quanta evocação nos traz uma peça! E’ como o perpassar de séculos dentro de um singelo círculo metálico.

Dracmas, asses, denários, aureus, morabitanos, dobras, dinheiros, reais, espadins, ceitís, tostões, cruzados, moedas gregas e fenícias, turdetanas, cartaginesas, ibero-romanas, suevas, visigóticas, árabes, cristãs e séries enormes que da Renascença vêm até nossos dias.

Nas cabeças dos deuses, de guerreiros e heróis, nas suas figuras mitológicas, em seus animais sagrados, a nave, as espigas de trigo, seus braços, suas corôas e cruces, que melhores lições de iconografia, simbologia e armaria poderemos desejar?

E os metais? Ouro, prata, cobre, bronze, bilhão, níquel... moedas de alma, de cobre e forro de prata; de ouro rijo e ouro branco, de prata doseada, espécies maciças, serrilhadas, cerceadas...

Na descrição das moedas, poder-se-á sem dúvida, escrever a História do Mundo.

VI

MATÉRIA-PRIMA — OS METAIS PRECIOSOS DA ANTIGUIDADE.

As qualidades excepcionais dos metais preciosos, fizeram dêles a substância monetária por excelência. A circulação fiduciária, agora dominante no mundo, só é possível tendo por base o ouro ou a prata, que são hipotecas da nota. Quase inalteráveis, extremamente divisíveis, homogêneos, reunindo em pequeno volume grande valor e fáceis portanto de transportar, servem melhor do que qual-

quer outra mercadoria para os usos monetários. No espaço e no tempo, são sempre iguais.

Tem o ouro o privilégio de ser universalmente recebido, dando assim aos outros a aparência ilusória de não mudar de valor. O mesmo pedaço de ouro atravessa os séculos e é hoje o mesmo que era no tempo dos faraós. Não se distingue o ouro da Califórnia do australiano, nem faz diferença o metal precioso de uma peça merovingia, do que se está extraindo todos os dias do Rand.

Dêste modo as flutuações do seu valor mercantil, são realmente menores do que as de qualquer outro material. Não se consumindo senão numa pequena parte, depois de produzidos, resulta que a sua produção anual é sempre diminuta relativamente ao estoque existente, o que põe os metais preciosos ao abrigo de muitas causas da flutuação de valor, não influenciando neles, tanto como nos cereais, a escassez ou a abundância das colheitas. Tôdas estas circunstâncias dão aos metais preciosos uma espécie de eternidade e aos seus possuidores a garantia de terem sempre um valor, quer seja moeda, quer não.

E' cara a circulação metálica pelas quantidades de ouro ou prata, a que obriga, e pela riqueza immobilizada que pressupõe, sendo por isso mais econômica a circulação dos objetos usuais. Além disso, está a circunstância do seu valor dependente de uma descoberta geográfica ou científica, acontecendo também serem os metais preciosos de tal sensibilidade, que fogem ao primeiro alarma econômico ou político, escondendo-se e agravando as crises com a sua evasão e desaparecimento. E' certo isso tudo. São os defeitos da sua qualidade preciosa, mas esta terá sempre o predomínio sobre tôdas as outras mercadorias para a função monetária. Tem por isso um lugar interessante na evolução da moeda, a história dos metais preciosos nas suas relações com a circulação (13).

Do confrônto dos textos e do exame dos exemplares numismáticos, se deduz que a moeda, no sentido completo da palavra, teria feito a sua aparição nos grandes centros comerciais banhados pelo mar Egeu durante o sétimo século antes de nossa era. Geograficamente e cronologicamente, é isto o que parece apurado, tendo-se realizado nessa região e nesse século a passagem da antiga forma de moeda metálica, já de pêso exato, mas ainda sem marca oficial, para a moeda propriamente dita.

As primeiras moedas foram de ouro e prata de feitio incômodo e defeituoso. A execução esmerada às vêzes em objetos de arte, foi durante muito tempo deficiente e desageitada nas moedas.

Este capítulo é dedicado ao estudo da produção dos metais preciosos na Antigüidade e nos séculos médios, até aos tempos modernos.

(13). — Anselmo de Andrade, *Evolução da moeda*.

* *
*

As moedas como as medalhas, podem ser compostas dos mais variados metais; assim, além de serem feitas em ouro, prata, cobre e níquel, foram feitas também em platina, ferro, chumbo, zinco, estanho, alumínio e de uma quantidade de ligas diversas, tais como: *electrum*, bronze, bilhão, *potin*, etc.

OURO

A fome do ouro, há milênios persegue o homem. Desde a Idade do Bronze, o ouro serviu-lhe sempre de ornamento favorito. Encontramos ouro nos monumentos do Egito erigidos a 2900 anos antes de Cristo. As múmias reais eram depositadas em sarcófagos tríplexes e todos de ouro maciço.

Na Bíblia, abundam narrativas sobre o ouro e o seu uso. No “Êxodo” por exemplo, descreve-se a fuga do Egito para escapar à perseguição é ao roubo. “E eles vieram, homens e mulheres e despojando-se de seus braceletes e brincos, anéis e tabletes, de todas as suas jóias de ouro, fizeram uma oferta ao Senhor”. Todo esse ouro foi ornar o Tabernáculo! (14).

No Templo de Salomão, o ouro foi usado em profusão. Todas as lâmpadas e cálices eram do mais puro ouro, como de ouro foi o trono real e o que serviu para transportar a rainha de Sabá, assim como os escudos dos guardas que protegiam o grande rei.

Enquanto o ouro foi usado simplesmente como adorno pessoal, influíu apenas no destino dos que o possuíam e já no Egito, a vaidade feminina se exteriorizava nos colares de pérolas e ouro de Gerze, quando sabemos que eles datam de 4200 e 3200 anos antes de Cristo.

E’ interessante notar que os reis asiáticos recorriam aos faraós que nessa época eram os banqueiros do mundo, até para os empréstimos à realeza, porque, segundo velhos documentos “no Egito havia ouro em pó”.

Eurípedes, o célebre poeta trágico da Grécia, dizia:

(14). — *Êxodo*. Segundo livro do Velho Testamento, que contém a história da saída do Egito. O *Êxodo*, que vem depois do *Gênesis*, divide-se em três partes distintas. A primeira (I, XII, 36) contém a narração dos acontecimentos que procederam a saída do Egito: a vocação de Moisés, a resistência de faraó e as pragas do Egito. A segunda (XII, 37, XVIII) conta os prodígios que acompanharam o êxodo e o começo da viagem dos israelitas pelo deserto. A terceira (XIX-XL) descreve a promulgação da lei sobre o Sinai, a adoração do velo de ouro e a construção do tabernáculo. Escrito num hebreu muito antigo, este livro foi sempre tido como obra de Moisés, quer pela tradição judaica, quer pela tradição cristã. As críticas racionalistas, pelo contrário, concluíram, como para todo o *Pentatêuco*, em ver nele apenas a consignação de tradições orais conservadas pelos sacerdotes israelitas.

“Sóbre o homem, o ouro tem mais poder do que dez mil razões”.

Com êle, o homem entretem sua ânsia de descobrimentos e de conquistas. Pelo mesmo motivo, o ouro tem sido sempre a causa principal de tôdas as guerras.

Para perseguir o ouro e o poder que êle concede, segundo a História Universal, Alexandre-o-Grande, iniciou suas famosas campanhas. Foi o ouro a causa das primeiras transformações do mapa da Europa com as guerras púnicas e também as campanhas de Mário, Pompeu e Júlio César.

Ao cruzar o Atlântico com suas naus, Colombo obedeceu à ânsia eterna do ouro. Atrás dêles, outros procuraram as terras jovens em incessantes explorações, mascaradas com o massacre dos aztecas e o arrazamento do Império dos incas.

Quando Pizarro conquistou êste Império, ficou deslumbrado ao verificar que os pratos, as armas, as jóias, as miniaturas dos lhamas, dos pássaros, etc., eram de ouro puríssimo. De ouro eram também todos os objetos oferecidos em grandes cestos por Ataulpa, o grande rei inca aprisionado pelo conquistador, que oferecia todo êste ouro em troca da liberdade.

E sempre voltavam as naus carregadas de ouro dos Templos!

Mas, foi apenas a 2600 anos, menos da metade do tempo que nos separa dos grandes surtos de civilização na Índia, no Egito, na Fenícia e na Grécia, que se fizeram as primeiras moedas utilizando as areias auríferas do rio Pactolo. Foi isso na Lídia. Eram de ouro bruto com uma pequena liga de prata e em pouco, o gênio artístico que sempre caracterizou a Hélade, se manifestava nessa indústria, rivalizando cada cidade em cunhar mais os formosos discos de ouro.

Como a religião e o amor da família, o ouro em forma de moeda, é a principal fôrça da civilização.

Na sua mensagem no *Lincoln Day*, de 13 de fevereiro de 1933, o então presidente Hoover, dos Estados Unidos, dizia:

“O ouro é o mais aceitável, prático e honesto veículo para o comércio internacional”.

As fabulosas jazidas auríferas do Brasil, formam um capítulo sem igual na história econômica da humanidade. Foi tanto o ouro extraído de suas minas e enviado para o Velho Mundo, que chegou a alterar perigosamente a balança dos preços e cotações da Europa. As jazidas patenteavam-se à exploração: “afirma-se que enquanto o mundo durar, se não poderão extinguir”, dizia o governador D. Rodrigo da Costa, em documento datado de 19 de junho de 1706.

Portugal, podemos dizer, nadava em ouro e de tal forma que, em 1747, decidia trocar seu padrão monetário da prata para o ou-

ro, cunhando tôdas as suas moedas nesse metal. Pouco depois, a Inglaterra e outras nações seguiam o seu exemplo.

“Se em fins do século XVII, a Bahia tem a primeira Casa da Moeda, em começos do mesmo século instala-se em São Paulo, a primeira Casa de Fundição do Ouro, na rua da Fundição, hoje Floriano Peixoto.

Todo o metal extraído para poder entrar no mercado, ia ser fundido em barras com as marcas reais. Transportado para aqui, o ouro em pó vinha das Minas Gerais, de Cuiabá e de Goiás, para ser quintado. E essas barras de ouro podiam então entrar no comércio.

Mas, já pelos anos de 1655, minerava-se em Iguape, Cananéia, Apiaí e Sorocaba. A Câmara de Iguape, funda ali uma Casa de Fundição do Ouro, cujo funcionamento está documentado pelas Atas de 1688. E desde os fins do século XVI, havia em São Paulo e São Vicente, homens especializados no conhecimento e trato dos metais: ferreiro, para fazer os instrumentos; ensaiador, para ensaiar o ouro e fundidor, para fundi-lo.

Muito embora São Paulo não fôsse considerado grande centro produtor do ouro, em vários pontos do Estado ainda se extrai o metal precioso. Assim, na mina de Araçariguama, nas proximidades de São Roque, próximo à Capital, ainda se fazia até há poucos anos, a exploração mineira.

E o ciclo do ouro iniciado pelos paulistas nas cercanias de São Paulo, dilatou-se pelo território das Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, onde os Bandeirantes fundaram cidades nas regiões auríferas (15).

Longe de diminuir, aumenta sempre a produção do ouro em todo o mundo. Eis porque, não duvidamos de que o poder do ouro seja eterno, como eterna a ânsia do homem em obtê-lo.

O ouro foi o primeiro metal conhecido pelo homem, servindo como instrumento de troca desde a mais alta Antigüidade sob várias formas: *grãos, pó, pepitas, palhetas* e depois fundido em barras.

O ouro, no estado natural, existe muito espalhado pela terra, mas em pequena quantidade. O minério de ouro mais importante e quase o único lavrado, é o ouro nativo puro ou com pequenas quantidades de prata, cobre e algumas vezes ferro ou bismuto.

Foi empregado pela primeiro vez na moedagem dos reis da Lídia. Na Antigüidade, foram cunhadas moedas de ouro puro. Assim eram os “dâricos” moeda persa do tempo de Dario (550-485 a. C.), de 8,42 grs. Os “aureos” moeda portuguesa cunhada por D. Sancho I e também por D. Fernando III, de Castela; os “solidus” moedas romanas de Julio César; os “bizâncios” portugueses e de Constantinopla e a moeda florentina denominada “fiorim” hoje florim e cujo nome deriva das flôres de lis (*fiori*) que ornamenta-

(15). — Tito Lívio Ferreira, *História de São Paulo*.

vam as primeiras moedas dessa cidade toscana, centro artístico e intelectual daquela época.

O ouro e a prata, sendo metais extremamente moles para a confecção das moedas ou outros objetos de uso constante, são na prática adicionados a outros metais de menor valor, metais êstes que tornam o ouro e a prata mais duros e resistentes. A esta composição de dois ou mais metais diferentes, é que se denomina *liga*. A côr das *ligas* depende naturalmente dos componentes. O ouro *duro*, é amarelo, um pouco avermelhado, mas reduzido a lâminas finíssimas e visto por transparência, é de côr verde.

PRATA

Desde a mais remota Antigüidade, a prata é conhecida pelos homens e por êles altamente apreciada. Ela foi o estalão monetário dos gregos e romanos, vindo até a Idade Média dentro dêsse sistema, tendo sido empregado em barras nas primitivas trocas dos antigos povos, com especialidade entre os assírios e os caldeus. Foi usada na Coréia, em forma de botelhas.

O pêso foi a base de tôda a cunhagem antiga. Por exemplo, a unidade do dinheiro na Grã-Bretanha, no tempo dos saxões, era a libra de prata. Mas, não era cômodo pesar o metal para fazer o pagamento em cada transação que se realizasse e na qual êle representava o padrão de troca ou moeda. Por essa razão, é que se desenvolveu a prática de cortar o metal em pedacinhos e em cada um dêstes marcar o pêso respectivo; sabia-se assim, quanto pesavam os pedaços oferecidos por determinada mercadoria. Logo se compreendeu que a forma de disco era a melhor que podiam tomar êsses pedaços de prata, por ser mais fácil marcá-los e conduzi-los e para que inspirasse confiança, tornou-se monopólio dos governos que assim garantiam não só o pêso, mas também a pureza do metal.

Esta garantia era necessária, porque os veios subterrâneos de que a prata é extraída habitualmente, contém cobre ou chumbo de mistura com o metal precioso; assim, é preciso separá-los da prata, porque êsses metais estranhos podem estar presentes em quantidade considerável num objeto de prata, sem modificar-lhe de modo notável o aspecto, o que pode enganar as pessoas menos prudentes.

Durante a Idade Média, as corporações profissionais tinham o poder necessário para proteger a qualidade das obras de prata e os culpados pela venda do metal de composição adulterada, eram punidos rigorosamente pela lei.

A prata fêz seu aparecimento como moeda, na ilha de Egina. Os romanos, já senhores da Ibéria, começaram a aproveitar a prata como metal intermediário para a cunhagem de suas moedas, cujos primeiros exemplares apareciam em Roma, no século II antes de

Cristo. Este uso se espalhou cada vez mais, chegando ao apogeu na Idade Média.

No início do século XVI, as guerras incessantes e a consequente miséria, tinham criado em toda a Europa, principalmente no centro e norte do continente, um estado de desconfiança. Os que não tinham ficado arruinados, guardavam o seu ouro, esperançosos de melhores dias, daí resultando uma carência de moedas.

Foi quando em 1516 o conde Schlick, grande proprietário na Boêmia, descobriu em suas terras, no lugar conhecido pelo *Vale de São Joaquim (Joachimstal)*, uma jazida de prata. Imediatamente o governo da Boêmia começou a aproveitar essa prata na cunhagem de moedas e para recordar sua origem, mandou gravar numa das faces a imagem de São Joaquim. Essas moedas foram chamadas a princípio *Joachimstaler* e depois simplesmente *taler*.

Passando da Boêmia à Alemanha, daí à Holanda e finalmente à Inglaterra, o *taler* foi parar aos Estados Unidos, mas agora com o nome modificado para *dolar*.

E durante os séculos XVI e XVII, o *taler* foi a mais abundante moeda internacional da Europa, tendo com única rival a *peça de 8 espanhola*, também de prata, assim chamada porque valia 8 reales.

Quem de nós desconhece a história da Vila Imperial de Potosí e da sua célebre Casa de Moeda? Das suas fabulosas minas de prata descobertas em 1546 e que durante muito tempo foram as minas mais ricas do mundo? Não houve na América, no século XVI, por certo, lugar que se transformasse mais rapidamente. Quando os índios já eram insuficientes para os trabalhos de engenharia e das minas, de todo o Perú chegavam aventureiros, velhos conquistadores, que sonhavam arrancar de seu cerro grandes tesouros. Por toda a parte havia uma ânsia exaltada de fazer riqueza. Os mineiros improvisados, olhavam o cerro de longe e homens havia que não sabiam onde guardar suas barras de prata. A história de Potosí e de suas imensas minas de prata, talvez não tenha sido escrita como merece, tão rica se apresenta.

A prata possui condições de durabilidade inalterável, comparável a do ouro, sendo, porém, menos rija e mais abundante. Somente a raridade do ouro fez com que a prata fôsse durante vários séculos, a moeda corrente em todo o mundo.

A prata pura, é branco-amarelada (por causa de seu grande poder refletor, parece branca); entretanto finamente dividida como no caso de seu cloreto reduzido, a cor é cinza claro.

Nos tempos modernos, a prata, excetuando-se poucos países que a adotaram como padrão para as suas moedas, tem servido de moeda divisionária, já agora substituída nessas funções por ligas inferiores de cobre, níquel ou bronze-alumínio.

BRONZE

A palavra, bronze, só se tornou corrente no século XVII. A sua etimologia mais aceitável, é a palavra latina *Brunduzium* (bronze de Brindes ou Brindisi), liga de que fala Plínio e que os gregos chamavam de *brontesion*. Do mesmo modo que o cobre tirou seu nome da ilha de Chipre onde eram célebres as minas dêste metal, o bronze tiraria seu nome de Brindes, onde se fabricava a sua melhor liga.

O uso do bronze, antecedeu o do ferro. Entre os gregos do tempo de Homero, as armas e os instrumentos agrícolas, eram ainda em bronze; suas primeiras moedas, foram igualmente fabricadas com êste metal. Entre os romanos, o bronze assume uma importância monumental, religiosa e artística; é no bronze que se gravam as leis e os tratados de paz e aliança; todos os instrumentos do culto, facas, machados e espátulas, são em bronze; são em bronze monumentos inteiros, os baixos relevos, estátuas e medalhas, *grandes* e *pequenos bronzes*.

O bronze, foi também o estalão monetário dos romanos; nas peças monetárias, encontramô-lo nas grossas barras que chegaram até nós, designadas por *aes rude* e *aes signatum*.

Desde o século XV, havia numerosas espécies de bronze, segundo se desejasse fundir, sinos, estátuas, peças de artilharia e outros objetos. Em 1556, chamava-se *bronze de Chipre*, ao cobre nativo vindo dessa ilha ou da América do Sul.

O bronze é uma liga de cobre, estanho e zinco, mais rija e mais fusível que o cobre, tendo sido a primeira substância metálica usada na Europa em suas incipientes indústrias.

Modernamente, é muito usado na cunhagem de medalhas e medalhões.

COBRE

Parece certo que o primeiro metal utilizado como moeda na Europa, foi o cobre da primeira jazida regularmente explorada na ilha de Chipre, nome que após várias modificações acabou por ser *copper* em inglês e cobre em nosso idioma.

E' conhecido desde os mais remotos tempos. A princípio, êsse metal correu o mercado em forma de potes, panelas e ânforas. Podia não ser muito cômodo para o transporte, mas tinha a vantagem sôbre o gado, então moeda, que precisava comer e beber.

Depois, quando o povo se habituou a idéia de que o valor estava no metal e não na forma que lhe era dada pelos artífices, começaram a circular para os pequenos negócios blocos pequenos de cobre, do pêso de um *óbolo*, nome que significava "pequena quantia".

Em Tebas, ao tempo de Osiris (?), foi usado como moeda, segundo velhas tradições egípcias. Os fenícios fizeram suas moedas de cobre, aí pelo ano 460 a. C.

No Egito, serviam-se de grossos pedaços de cobre à guisa de moedas, cuja liga era muito variável.

Os etruscos e todos os outros povos da Itália, adotaram logo esse gênero de moeda. Os cartagineses só o fizeram, quando descobriram jazidas de cobre na Espanha. Nessa mesma ocasião e na mesma península, encontraram também minas de prata que chamaram *cobre branco e baço*, desdenhando-o, porque não tinha a resistência e o fulgor do verdadeiro cobre.

Os romanos quando adotaram a moeda de cobre, estabeleceram o asse como unidade; era um bloco pesando 12 onças (uncial).

Com o correr do tempo, o descobrimento de novas jazidas em tôdas as terras e ilhas do Mediterrâneo, trouxe cobre em tamanha quantidade de Corinto, Roma, Cartago, Cádiz e Marselha, que esse metal se desvalorizou, estabelecendo-se uma diferença demasiadamente grande entre as moedas de ouro e as de cobre.

A extração do cobre e seus minérios, era uma operação tão delicada, que evidentemente estava fora do alcance do homem da época do bronze. O cobre era empregado no estado de liga, fundindo-se o minério de cobre oxidado ou sulfurado, com minério de estanho, igualmente conhecido na Antigüidade e só depois de muitas centenas de anos, o homem conseguiu o cobre puro.

O cobre, é a base das moedas de *bilhão* e entra na proporção de 1/10 nas moedas de ouro e de prata; unido a outros metais, além do bronze, forma o *latão* ou *cobre amarelo* e muitas outras ligas de grande utilidade, que se costumam empregar no fabrico de moedas, medalhas e *jetons*.

O cobre é maleável, de côr vermelho-escuro. E' hoje utilizado na cunhagem de moedas divisionárias de pequeno valor.

LATÃO OU COBRE AMARELO

A expressão latina *aurichalcum* designa o latão, isto é, o latão que tem a côr do ouro. Era chamado também *aes coronarium* por serem fabricadas com essa liga para uso dos histriões, corôas que vistas de longe, pareciam ouro.

Foi usado pelos chineses como moedas e nos tempos modernos o latão é empregado no fabrico de medalhas devocionais ou verônicas. Antigamente foi também muito usado nos *contos para contar* dos portugueses e em pesos monetários ou em outras peças monetiformes.

O latão é uma liga formada por cobre e zinco (65 partes de cobre com 35 de zinco). E' de côr amarela, semelhante a do ouro. E' muito dúctil e pode ser laminado em fôlhas extremamente finas.

BILHÃO

O bilhão é uma liga de cobre, estanho, chumbo e prata que, no decorrer do III século substituiu a prata. O título desta foi se alterando de tal maneira que no tempo de Diocleciano, a moeda de prata não representava mais do que uma fôlha de cobre com uma tênue camada de prata.

Esta expressão significa também de maneira geral, as ligas em que os metais preciosos entram em menor porção do que os metais inferiores; daí se deduz que tôda a moeda de ouro e sobretudo de prata em que o cobre se encontra em uma proporção superior ao título legal — é uma moeda *bilhão*.

Há o *alto bilhão* que contém de 6 a 10/12 de prata pura e o *baixo bilhão*, que possui menos de 6/12 de prata.

POTIN

O *potin* cujo nome se deriva de “pot” por serem com êle fabricados vasos, é igualmente uma liga de cobre em que entram o latão, chumbo e algum estanho.

Existem duas espécies de potin: o *amarelo*, mistura de latão (cobre e zinco) e um pouco de cobre vermelho e o *potin cinzento* feito com a lavadura da fabricação do latão, juntando-se chumbo e estanho e segundo outros autores, entrava também certa porção de prata.

ELECTRON

Era uma liga natural em que entravam 75 partes de ouro e 27 de prata. Os gregos chamavam-no de “lencokrisos” por apresentar uma côr pálida.

O *electron* foi empregado na moedagem pelos reis da Lídia, 700 anos a. C. e igualmente usado na Jônia, em Cartago, nas Gálias e em muitas cidades gregas.

PLATINA

E’ o mais pesado e menos dilatável dos metais, não se prestando para liga. Êste raríssimo metal, foi usado na Rússia como moeda, de 1825 a 1846, bem como na Espanha, no século passado.

FERRO

Foi na Antigüidade meio de escambo, aparecendo em forma de utensílios de tôda a sorte. Encontramo-lo na Corêia amoadado em

“sapécas”. Como moeda, foi usado no V século a. C. em Esparta e Bizâncio; no IV século a. C. em Argos. Algumas vezes é usado em medalhões, existindo na medalhística brasileira um exemplar muito raro nesse metal; medalha de D. Pedro I.

NÍQUEL

Foi usado na Índia pela primeira vez no século III a. C.; voltou a ser empregado no século passado em todos os países exceto a Inglaterra e hoje é usado como moeda divisionária, puro, ou mais ou menos ligado ao cobre.

ESTANHO

Existe amoedado entre os malaios e senegâmbios. Na moedagem da Índia, quer portuguesa ou inglesa, aparecem moedas feitas de estanho, conhecidas por *calain*. Nos tempos modernos, o estanho é empregado também no fabrico de algumas medalhas.

CHUMBO

Foi muito pouco usado em peças monetárias. Diz-se que os reis da Numídia, cunharam nesse metal; também na Gália, chumbos monetiformes com a figura de Mercúrio e as legendas *alisien* (um) *perte* (nsum), *mediol* (onensium) cunhados em Alise, em Perthas, em Milão. Nas Gálias, parecem ter sido moeda oficial.

Na Idade Média, cunharam-se muitas medalhas nesse metal.

ZINCO

Figura com mais freqüência em moedas denominadas “particulares” como as de Morro Velho e igualmente no fabrico de medalhas.

ALUMÍNIO

De uso mais moderno, é utilizado em medalhas religiosas com especialidade.

Foi moeda obsidional da Alemanha e Áustria, no período da Grande Guerra em 1917 e 1918.

Últimamente ligado ao cobre, forma o denominado *bronze de alumínio*, usado profusamente em moedas divisionárias de quase todos os países.

*

Mas, além dos metais, o vidro, a porcelana e o barro cosido, a madeira e o ouro, serviram de moeda e mais comumente o papel-moeda, que não vale por si, mas que representa uma promessa de pagamento em moeda metálica.

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA
da Sociedade Brasileira de Numismática.